

A NATUREZA COMO BASE DOS PROCESSOS CRIATIVOS EM ARTE



POR ANMARIE

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO**

ANMARIE ROCHA

**A NATUREZA COMO BASE DOS PROCESSOS
CRIATIVOS EM ARTE**

**CRICIÚMA, SC
2023**

ANMARIE ROCHA

**A NATUREZA COMO BASE DOS PROCESSOS
CRIATIVOS EM ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharelado no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Profa. Ma. Odete Angelina Calderan

CRICIÚMA, SC

2023

ANMARIE ROCHA

**A NATUREZA COMO BASE DOS PROCESSOS
CRIATIVOS EM ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharelado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Linguagens.

Orientador(a): Profa. Ma. Odete Angelina Calderan

Criciúma, 22 de novembro de 2023.

Banca Examinadora

Profa. Odete Angelina Calderan (Mestre em Artes Visuais - UFSM)
Orientadora

Prof. Sérgio Honorato (Mestre em Design Comunicação e Expressão - UFSC)

Prof. Alan Figueiredo Cichela (Mestre em História, Teoria e Crítica - UFRGS)

A todos os meus ancestrais, mestres e amores
vividos no processo de ser e estar.

AGRADECIMENTOS

Obrigado a todos meus mentores acadêmicos, espirituais e familiares pela oportunidade de escrita e criação. Sem vocês, nada disso seria possível.

Obrigado mãe Edna, por sempre acreditar e incentivar minhas produções em arte. Sou grata pelo seu olhar sensível e crítico. Obrigado pela vida e por tanto amor. Obrigado irmã Angel por estar caminhando e crescendo no universo artístico, me proporcionando inspiração, orgulho, novas oportunidades de criação e parceria. Obrigado Ruan Carlos, artista nato, músico profundo, meu grande parceiro, por me fortalecer, por sempre me lembrar de quem eu sou e do que sou capaz de construir.

Toda troca de conhecimento agrega e constrói toda minha estrutura de pensar, viver e ser. Obrigado meios de inspiração e conexão com a natureza e vidas ao nosso redor, sou grata por estar onde estou e ter as boas condições para criar e apreciar.

Obrigado Odete por todo carinho e tempestade de ideias. Por compreender meus devaneios com tanta nitidez (mais do que eu própria) e por incentivar e aprimorar tanto minhas escritas e criações ao longo do curso. Suas aulas sem dúvidas foram as mais valiosas para mim. Obrigada por me proporcionar tanto autoconhecimento e me aprimorar nas artes.

Obrigado professor Sérgio por ser um grande mestre e o maior multiartista que pude conhecer. Um homem sábio de mensagens preciosas. Todas suas propostas em aulas me renderam boas produções para espalhar por toda minha casa. Que Oxalá continue te regendo e sempre despertando o melhor de você em todas suas incríveis obras. É uma honra aprender tanto com o senhor.

Obrigado professor Alan por me despertar a curiosidade pela busca do conhecimento na teoria estética e nas relações da sociedade com a criação artística. E por nunca tornar a parte teórica cansativa. Seus ensinamentos foram essenciais para minha autoconsciência como artista contemporânea e para desenvolver meu domínio em colagens e arte digital.

Espero poder ter outras oportunidades nessa vida para aprender mais com vocês. É uma grande honra. Obrigado por tudo!

Obrigado, leitor, pela sua atenção. Espero que goste.

“Mar calmo nunca fez bom marinheiro.”

José Chilão e José Lúcio

RESUMO

Esta pesquisa consiste em investigar processos de criação, na qual interligo natureza, elementos da vida e cotidiano e Umbanda; religião que, por sua vez, fundamenta e potencializa este trabalho. Vincula-se à linha de pesquisa de Processos e Poéticas: Linguagens, do Curso de Artes Visuais Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Caracteriza-se como uma pesquisa cartográfica, tomando como base as pistas da pesquisa-intervenção proposta pelos autores Passos; Kastrup; Escóssia (2009). Diante disso, procuro encontrar respostas a questão da pesquisa que consiste em: investigar quais as possíveis formas de manifestação e presença da natureza nos processos criativos e produções artísticas na contemporaneidade. Com a intenção de alcançar os objetivos que conduzem a pesquisa, que são: compreender como a conexão do artista com a natureza, a vida e ancestralidade podem atuar no processo criativo e como pode ser expresso em sua produção artística; esclarecer e refletir sobre como as experiências do autor são o princípio para sua criação; buscar informações para maior conscientização dos cenários ambientais atuais e valorização da natureza no meio cultural, artístico e social. Neste sentido, para fundamentar a pesquisa trago alguns autores, dentre eles Salles (1998), Ostrower (1995), Bôlla (2019), Reis (2018), Santos (2013). Por fim, concluo trazendo minha obra final, onde os conceitos de natureza, vida e arte se entrelaçam em produções contemporâneas.

Palavras-chave: Processos Artísticos. Natureza. Umbanda. Vida.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – <i>Iemanjá</i> . Capa da pesquisa, <i>fotoperformance</i> . Projeto Emoriô, 2023	1
Imagem 2 – <i>Cabocla</i> . Capa de capítulo, <i>fotoperformance</i> . Projeto Emoriô, 2023.....	13
Imagem 3 – <i>Cabocla</i> . Capa de capítulo, <i>fotoperformance</i> . Projeto Emoriô, 2023.....	22
Imagem 4 – <i>Iemanjá</i> . Capa de capítulo, <i>fotoperformance</i> . Projeto Emoriô, 2023.....	37
Imagem 5 – <i>Dama da Noite</i> . Capa de capítulo, <i>fotoperformance</i> . Projeto Emoriô, 2023.....	46
Imagem 6 – Fotografia dos rosários. Artesanatos em macramê e miçangas de madeira, 2023.....	15
Imagem 7 – Capa do “EP” de Victor Xamã – Calor, 2021.....	16
Imagem 8 – Capa do álbum de Criolo – Espiral de Ilusão, 2017.....	16
Imagem 9 – Fotografia no Evento Casacor, 2018.....	17
Imagem 10 – Fotografia de elementos da natureza e cotidiano.....	18
Imagem 11 – Fotografia de elementos da natureza e cotidiano.....	18
Imagem 12 – Fotografia de elementos da natureza e cotidiano.....	18
Imagem 13 – Fotografia de elementos da natureza e cotidiano.....	18
Imagem 14 – Fotografia de elementos da natureza e cotidiano.....	19
Imagem 15 – Fotografia de elementos da natureza e cotidiano.....	19
Imagem 16 – Formato da pesquisa entregue à banca avaliadora e orientadora.....	21
Imagem 17 – Formato da pesquisa entregue à banca avaliadora e orientadora.....	21
Imagem 18 – <i>Sereia</i> . Cerâmica terracota, 9x10x14 cm, 2020.....	25
Imagem 19 – <i>Espelho(s)</i> . Cerâmica esmaltada e espelho, 15x3x15 cm, 2020.....	27
Imagem 20 – <i>Machado</i> . Modelagem em argila, 13x2x12 cm, 2022.....	28
Imagem 21 – Fotografia da tatuagem de machados, 11x8 cm, 2022.....	28
Imagem 22 – <i>Cogulago</i> . Cerâmica esmaltada, 12x12x6 cm, 2022.....	28
Imagem 23 – <i>Azul</i> . Gravura em Monotipia, 21x29 cm, 2021.....	29
Imagem 24 – <i>Arrudas Frias</i> . Gravura em frottage, 20x20 cm, 2021.....	29
Imagem 25 – <i>Samambaia</i> . Gravura em frottage, 21x29 cm, 2021.....	30
Imagem 26 – <i>Matrix e Saturação</i> . Colagem digital, 2020.....	32
Imagem 27 – <i>Trippy Run</i> . Colagem digital, 2020.....	32
Imagem 28 – <i>Voo Livre</i> . Colagem manual, 48x42 cm, 2022.....	32
Imagem 29 – <i>Washed Up</i> . Série fotográfica por Alejandro Durán, 2013.....	34

Imagem 30 – Fotografia da parte azul de meu altar, 2023.....	36
Imagem 31 – <i>Maria</i> . Tinta guache em papel sulfite ofício A4, 2015.....	36
Imagem 32 – Fotografia das oferendas no altar na festa de Oxum, 2023.....	37
Imagem 33 – Fotografia Lara & Nesca na exposição, 2023.....	40
Imagem 34 – Fotografia das telas de pigmentos e paletas de cores das obras de <i>Terras da minha TERRA</i>	40
Imagem 35 – Vista de obra de Ayrson Heráclito e Tiganá Santana durante a 35ª Bienal de São Paulo.....	42
Imagem 36 – <i>Autorretrato, dedicado ao Dr. Eloesser</i> . Frida Kahlo, 1940.....	45
Imagem 37 – Esboço da instalação no <i>sketchbook</i> , 2023.....	49
Imagem 38 – Lótus. Cerâmica esmaltada, 17x17x2,5 cm, 2023.....	50
Imagem 39 – Ogunhê. Cerâmica esmaltada, 32x9x2,5 cm, 2023.....	50
Imagem 40 – Conjunto das três telas da instalação <i>Etéreo</i> , 2023.....	51
Imagem 41 – <i>Etéreo</i> . Instalação, 2023.....	52
Imagem 42 – Objetos de <i>Etéreo</i> . Instalação, 2023.....	53
Imagem 43 – Objetos de <i>Etéreo</i> . Instalação, 2023.....	53
Imagem 44 – Objetos de <i>Etéreo</i> . Instalação, 2023.....	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas

SATC Sociedade Assistência aos Trabalhadores do Carvão

TCC Trabalho de Conclusão de Curso

UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1. ORIGEM.....	13
1.1 DIREÇÕES.....	19
1.2 CARTOGRAFIA.....	20
2. RELAÇÕES ENTRE O TEMA E MEU PRÓPRIO PROCESSO.....	23
2.1 COLAGEM SEM DESCARTE.....	30
2.2 AZUL A FUNDO.....	35
3. PRESENÇA.....	38
3.1 NO ESPAÇO EXPOSITIVO CONTEMPORÂNEO.....	40
3.2 FOTOPERFORMANCE.....	42
3.3 ARTE + VIDA.....	44
4. ETÉREO.....	47
5. SUCESSÃO.....	54
REFERÊNCIAS.....	56

ORIGAMI



1. ORIGEM

Desde a infância, fui a pessoa do “por quê”, da curiosidade, do experimento, da experiência, de tentar com as próprias mãos. Compreendo que criar relações a partir das próprias perspectivas e representá-las, é o que diferencia um artista criador de outro.

Sempre fui daquelas que “atira para todos os lados”. Que prefere testar de tudo um pouco, se sujar de tinta e contar histórias. Aos treze anos, transformei as paredes do meu quarto em enormes telas coloridas com cenários e figuras em tinta guache, que representavam minha essência e identidade em formação. Poucos anos depois, iniciei no curso técnico em comunicação visual, devido meu constante interesse em fotografia, conceitos e colagens – a composição de redimensionar com imagens e figuras já existentes, um novo espaço e cenário, que proporcione novas perspectivas visuais.

Foi onde me encontrei ainda mais na criação de arte, de identidade visual, fotografia exploratória, fazer coletas e criar novas perspectivas, junto a poesia, música e canto. E não parei por aí: oficializei minha paixão e assumi meu vício em artes visuais, realizando a graduação em bacharelado.

Sempre tive uma forte ligação com a criação, tanto em relação à natureza a nossa volta quanto para as relações e experiências que desenvolvem meu eu. Ouvir e compreender as lições proporcionados pelo ambiente, cultura, história e pessoas ao meu redor, para mim, é extremamente valioso. Como explica Victor Xamã na sua composição em Tropical¹ “Uma planta cresce mais fora do vaso, um ser humano aprende muito mais quando sai de casa”.

Assim, a espiritualidade, por exemplo, possui uma forte presença nestes processos. Podendo relacionar os elementos aos orixás² - representações das forças da natureza na umbanda, onde sigo em desenvolvimento. Trazem figuras místicas e representativas de lições e valores, em objetos ou composições de imagem. A relação

¹ Música do rap nacional lançada por Davzera em parceria com Victor Xamã, em 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tI5eHpCX3iQ>. Acesso em: 1 out. 2023.

² Orixás (em iorubá: Òriṣà) são divindades da religião iorubá e da mitologia africana representadas por forças e elementos da natureza. Se popularizaram no Brasil a partir da Umbanda e Candomblé, religiões de matriz africana. Por meio de ensinamentos e valores, os Orixás auxiliam a humanidade a viver em paz e harmonia no planeta. Disponível em: <https://www.significados.com.br/orixas/>. Acesso em: 1 out. 2023.

que essa crença possui principalmente com a arte da cerâmica e imagem (com fotografias e pinturas em quadros) é profunda e cheia de fundamentos, com conexões diretas a natureza e ancestralidade - como o símbolo do rosário: objeto utilizado em diferentes rituais religiosos ao redor do mundo, pelo qual me inspiro e produzo tal objeto artesanalmente (Imagem 6).



Imagem 6 – Fotografia dos rosários. Artesanatos em macramê e miçangas de madeira, 2023.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

Diferentes técnicas e linhas de expressão sempre estiveram presentes no meu dia a dia, e a música foi por muito tempo a maior delas. Lembro que desde os nove anos comecei a participar de ensaios de canto, fazendo ao longo dos anos, técnica vocal, canto em corais, apresentações em festivais, composições com artistas da região e alguns clipes e músicas para o Youtube. Sou soprano de nascença, mas carrego no meu peito o grave e a estética do Rap e seus subgêneros (principalmente os brasileiros). Ainda sendo muito eclética e aberta a novas possibilidades. Constantemente algumas referências da área aparecem e inspiram minha produção com suas letras proporcionando identificação e empatia - arte que produz a *catarse*.

Para Aristóteles (384–322 a.C.), filósofo e polímata da Grécia Antiga, representava a purificação das almas. Explica em sua obra *Poética*³ que o fenômeno acontecia pela descarga emoções e sentimentos, proporcionados pela visualização de obras teatrais: com drama e tragédia. E que, a partir de relações, a música e suas histórias caminham juntos e proporcionam reflexões e até uma libertação psíquica. Tal conceito também representa meus ideais de alguma forma (Imagem 7, 8).



Imagem 7 – Capa do “EP” de Victor Xamã – Calor, 2021
Fonte: <https://open.spotify.com/album/482gPzVLCyRdj4t1nf8zj9>



Imagem 8 – Capa do álbum de Criolo - Espiral de Ilusão, 2017
Fonte: <https://open.spotify.com/album/4rvNHxkP41rxzhthGuwo6Y>

³ 3ª Edição composta e impressa em outubro de 2008, do livro “Poética” (2008, p. 15) de Aristóteles, com prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira, tradução e notas de Ana Maria Valente; para a *Fundação Calouste Gulbenkian*, em Portugal.

Em 2019 concluí o curso técnico em comunicação visual na SATC, obtive conhecimento para atuar na área desse mercado. Onde pude aprimorar as técnicas e criações em design gráfico em empresas de publicidade e comunicação. Ferramentas digitais essas como Photoshop, Illustrator, Premiere e outros, me trouxeram experiências e projetos com vídeos, fotografia, colagens, diagramação e direção criativa. E a influência e proximidade com a tecnologia não é de hoje: na infância, já me era apresentado no cotidiano máquinas e tecnologias dos anos 2000, como computadores grandes e quadrados, videocassetes de filmes e desenhos, fitas e rolos de imagens para câmeras da época. Como uma boa curiosa, busquei as possibilidades que tais ferramentas podiam oferecer, já que imagem, movimento e composição sempre me atraíram de alguma forma. Sobreposto a este processo, minhas produções com a ferramenta digital foram contínuas, como por exemplo, a fotografia a seguir (Imagem 9).



Imagem 9 – Fotografia no Evento Casacor, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

A sede pela busca estética e procedimentos técnicos da fotografia, cresceram cada vez mais e me levaram a escolha do Curso em Artes Visuais - Bacharelado, na UNESCO, em 2020. Onde conheci e experienciei novas possibilidades de criação. Pude “me dar por conta” da presença constante de elementos da natureza e vida - cotidiano, sentimentos e experiências - nos meus processos e obras. O quanto as outras áreas da minha vida apareciam por meio de símbolos e objetos em minhas criações como um todo, seja em palavras ou registros fotográficos do cotidiano (Imagem 10, 11, 12, 13, 14, 15).



Imagem 10 – Fotografia de elementos da natureza e cotidiano.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Imagem 11 – Fotografia de elementos da natureza e cotidiano.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Imagem 12 – Fotografia de elementos da natureza e cotidiano.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Imagem 13 – Fotografia de elementos da natureza e cotidiano.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Imagem 14 – Fotografia de elementos da natureza e cotidiano.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Imagem 15 – Fotografia de elementos da natureza e cotidiano.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

Ao longo da pesquisa, serão abordadas questões que se alinham e conversam com meu próprio processo criativo. Analisando de forma que os elementos da natureza se manifestam - podendo ser de maneira sutil ou acentuada - no processo criativo do artista pesquisador, a partir dos materiais para construção de uma obra ou análises e ideias a partir dela; e as relações entre arte e vida e como se entrelaçam nas produções do artista.

1.1 DIREÇÕES

Nesta tentativa de associação relacionando “arte e vida”, insiro na abertura de cada capítulo *fotoperformances* do meu corpo imerso na simbologia da Umbanda, pelo projeto EMORIÔ (2023), produzido e idealizado pela minha amiga artista Rafaela Barcelos (Imagem 1, 2, 3, 4, 5).

Introduzo com “Origem”, trazendo um breve relato da minha história de vida, das relações com as artes, processos e obras desenvolvidas. Na sequência, em “Direções” (este) trago a organização textual da pesquisa; em seguida “Cartografia” trago a metodologia a partir de autores Passos, Kastrup, Escóssia (2009), abordo descrições sobre a obra final e análises com problema de pesquisa.

Adiante, no segundo capítulo “Relações entre o tema e meu próprio processo” apresento meu processo criativo como artista em formação em ligação direta aos elementos da natureza e vida cotidiana, por meio de obras e reflexões sobre minhas experiências com diferentes técnicas na criação artística. Com base nas pesquisas e ideias de Reis (2013), Bôlla (2019) e Ostrower (1995).

No terceiro capítulo “Presença” dialogo sobre as formas de manifestação e presença da natureza no processo criativo do artista, de acordo com Reis (2018) e Salles (1998), exemplificando e apresentando obras deste contexto no espaço expositivo contemporâneo. Em seguida discuto sobre as relações de arte e vida na teoria da imitação (*mimesis*) e a relação dessas ideias com obras, artistas e autoras contemporâneas, como Frida Kahlo e Rupî Kaur.

No capítulo da obra final, “Etéreo” explico e descrevo os objetos e obras utilizadas para compor uma instalação. Apresento os conjuntos de cerâmicas, telas de colagem e gravuras junto a um vaso de planta – com elementos efêmeros e vivos.

Por fim, em “Sucessão”, apresento as considerações finais, os desdobramentos e reflexões proporcionadas por este processo de pesquisa.

1.2 CARTOGRAFIA

Consiste em uma pesquisa desenvolvida na Linha de Processos e Poéticas: Linguagens, do Curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Se classifica em Cartografia, pois os estudos apontam para análises e acompanhamento de processos e de produção de subjetividade, buscando trazer sentido sensível, visual e estético às multiplicidades; relacionando e representando a pesquisa através de uma obra final. Esta, por sua vez, é desenvolvida como uma instalação intitulada “Etéreo”, composta por colagens, gravuras, esculturas em cerâmica e plantas.

A pesquisa textual será disponibilizada na biblioteca em formato PDF nas normas da ABNT, no entanto, para a banca examinadora e orientadora, optei pela pesquisa impressa em formato A5, distribuídos em 5 exemplares. Para uni-los, criei “pastas” produzidas com costuras em folhas da planta espada-de-são-jorge – símbolo da luta e abertura de caminhos (Imagem 16, 17).

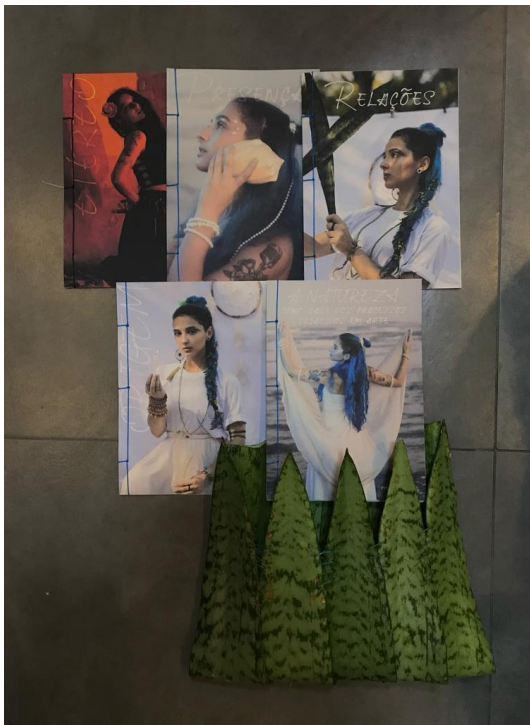


Imagem 16 – Formato da pesquisa entregue à banca avaliadora e orientadora.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

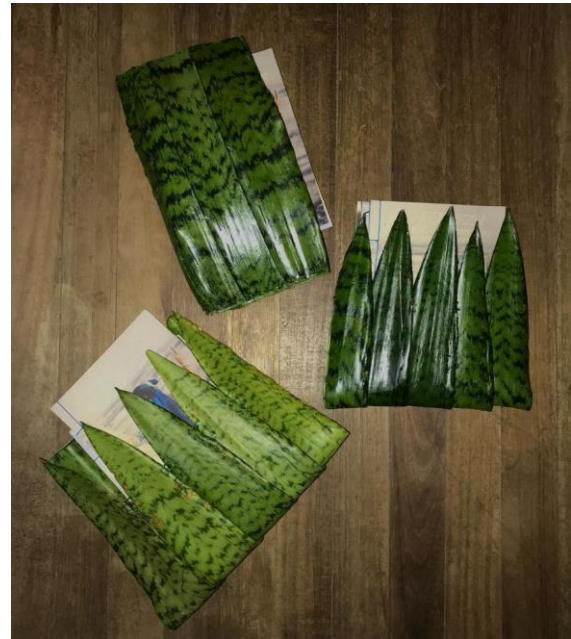


Imagem 17 – Formato da pesquisa entregue à banca avaliadora e orientadora.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

Sendo assim, o processo de criação envolvido com o conteúdo da pesquisa textual e modos de disponibilizá-la me faz entender que, a cartografia aparece não apenas enquanto metodologia, mas também como um caminho para a criação prática e teórica. Já que, como artista em formação e pesquisadora, é possível criar meus próprios conceitos e próprios métodos de criação, a partir de vivências, visões e experiências em campo.

Tomo como referência os autores Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia, no livro *Pistas do método da cartografia* (2009):

(...) a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 57)

Concordo com os autores pois, a pesquisa cartográfica permite que cada um trace seu percurso a partir do movimento permanente da pesquisa, promovendo uma

maior compreensão da relação do artista com seu processo criativo e com a base de suas ferramentas de construção e inspiração.

Ao longo da pesquisa, procuro me deter nas linguagens técnicas e materiais que fazem parte das minhas criações artísticas. Apresentando a tomada de consciência do processo criativo envolvido em cada trabalho, busco alcançar os objetivos que nortearam a pesquisa: compreender como a conexão do artista com a natureza, a vida e ancestralidade podem atuar no processo criativo e como pode ser expresso em sua produção artística; esclarecer e refletir sobre a relação do artista com suas ferramentas e com o espaço onde vive, de como as experiências do autor são o princípio para sua criação; trazer informações para maior conscientização dos cenários ambientais atuais e valorização da natureza no meio cultural, artístico e social.

Diante disso, procuro encontrar respostas para o problema da pesquisa que consiste em: investigar quais as possíveis formas de manifestação e presença da natureza nos processos criativos e produções do artista contemporâneo.

RELAÇÕES



2. RELAÇÕES ENTRE O TEMA E MEU PRÓPRIO PROCESSO

Ao longo da graduação, puder obter maior consciência sobre as relações e meu processo criativo, que acontece de forma espontânea e instantânea. As ideias tomam formas a partir do material e procedimento técnico a ser utilizado, mas sem dúvida, nesses últimos anos, a cerâmica foi um portal direto ao meu subconsciente. O contato com esse material que vem direto da terra e passa pelos processos que envolvem a água, fogo e ar, me despertaram maior conexão e nitidez para entender minha essência, forma de expressão e mensagens que transmutam no meu eu como artista em formação, e que busca estabelecer relações entre processo criativo, natureza e Umbanda.

Para melhor contextualizar, tomo como base – pela forte presença da natureza na essência – a minha crença e rituais da Umbanda. Segundo o autor Alexandre Cumino em sua publicação no livro *Umbanda não é macumba: umbanda é religião e tem fundamento* (2015), a Umbanda é uma religião afro-brasileira surgida em 1908, no sudeste do Brasil, através do médium Zelio de Moraes, em incorporação do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Formada a partir da síntese e elementos de crenças religiosas como o Espiritismo, Candomblé e Catolicismo. Segue o princípio do amor e da prática da caridade. Nos rituais há o manuseio de plantas e contato direto com elementos da natureza - fogo em velas, água em limpezas, ar na defumação, terra nos objetos de cerâmica e esculturas, por exemplo. Seus fundamentos e valores estão ligados com a ancestralidade do povo brasileiro e representação dos Orixás - onde cada um corresponde a uma vertente das forças da natureza e de Deus, o único, criador.

Complemento com a autora Luisa Magaly Santana Oliveira Reis, na pesquisa intitulada *Artes visuais e rituais umbandistas: uma experiência poética com os objetos cerâmicos utilizados no pejú de Mãe Isabel* (2013), onde a Mãe e zeladora Isabel Cristina Pereira Lima dos Santos, do terreiro em Juazeiro na Bahia, conta sobre o uso da cerâmica como base dos artesanatos e objetos sagrados nos trabalhos da religião. E quando pergunta se pode ser substituído por outro material, explica:

Não. Nenhum pode substituir a cerâmica. Nada, nada, nada. Porque a força, não tem no gesso, não tem... nada, nada, que possa trazer tanta força quanto a argila. Porque a argila vem da natureza, não é ninguém que fabrica. Você

a pega ali bruta, você constrói, sem praticamente mexer com ela, botar mais nada nela. Tá entendendo? Ali é onde está plantada a força que vem da natureza. A força do Orixá tá ali na cerâmica. Então nada, nada substitui. Pra nós umbandistas nada pode substituir a cerâmica. De jeito nenhum. (Santos, 2013, p. 13)

A leitura do texto me trouxe a lembrança da primeira experiência com argila na minha infância, acredito que tinha em torno de oito anos, na oficina de artes que acontecia semanalmente no ateliê da escola⁴ onde eu estudava, em Criciúma. Depois disso, retomei a prática somente na graduação, no Ateliê de Escultura e Cerâmica Jussara Guimarães (sala 05, bloco Z). Na disciplina de Materiais Expressivos⁵, modelei em argila uma sereia (Imagem 18), representando a simbologia do sagrado feminino, da conexão com as águas e encanto da criação. Foi meu primeiro trabalho produzido com este material na graduação e uma experimentação mais detalhada em cerâmica.



Imagem 18 – *Sereia*. Cerâmica terracota, 9x10x14 cm. Anmarie, 2020.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

⁴ Escola Municipal Padre Ludovico Coccolo, no bairro São Luiz em Criciúma.

⁵ Ministrada pela Profa. Ma. Odete Angelina Calderan.

Quanto a outro trabalho em formato hexagonal, *Espelho(s)* que faz parte do Painel Cerâmico Coletivo Plural⁶, é composto de cerâmica esmaltada e um espelho (Imagem 19), que segue na mesma linha de símbolos de produção, me proporcionou uma experiência de impacto e ensinou sobre o efêmero e que a readaptação faz parte dos processos. Essa produção foi a mais desafiadora ao longo do curso, não pela complexidade no molde ou do material, mas pelos processos de readaptação e paciência exigidos para o desenvolvimento. Este projeto foi proposto em novembro de 2020, durante a pandemia, quando as aulas estavam híbridas - à distância e um pouco da prática no ateliê. Depois de concluir os processos de modelagem, queimas, esmaltação e coleta do espelho, a escultura ficou pronta no ateliê por uns meses até meu próximo contato - para colar o espelho e finalizar - devido à nova exigência do distanciamento na pandemia.

Em junho de 2022, pude retornar ao ateliê e concluir o último detalhe da obra - depois de tanto tempo de espera e ansiedade - e para minha surpresa, em questão de minutos depois da colagem, minha empolgação tomou conta e deixei com que o espelho caísse da obra e sim, o levei a se quebrar em mil pedaços (a expressão facial do pessoal ao meu redor foi a melhor parte). Fiquei imóvel por uns segundos, catei os pedaços, peguei a cola de novo e redimensionei os estilhaços no espaço da obra. O impulso de readaptar foi instantâneo - por mais que a emoção da surpresa e desespero tenha me subido a cabeça por uns instantes. Observamos, analisamos, rimos e “olhando pelo lado bom... assim ficou melhor ainda”.

Concilio das ideias de Fayga Ostrower no seu livro *Acasos e Criação Artística* (1995) que explica sobre o experienciar do processo criativo e seus acasos como parte das produções em arte:

(...) A fonte da criatividade artística, assim como de qualquer experiência criativa, é o próprio viver. Todos os conteúdos expressivos na arte, quer sejam de obras figurativas ou abstratas, são conteúdos essencialmente vivenciais e existenciais. Também os acasos podem ser caracterizados como momentos de elevada intensidade existencial, porquanto a criatividade é estreitamente vinculada à sensibilidade do ser. Ambas se complementam, sendo impensáveis uma sem a outra. Embora os acasos representem momentos em si específicos, tanto nas circunstâncias em que ocorrem como nas referências íntimas à pessoa que os percebe, mesmo assim eles haverão de transcender

⁶ Projeto iniciado em 2015, chamado Painel Cerâmico Coletivo Plural. Cada acadêmico cria seu trabalho a partir do formato hexagonal em cerâmica, para compor o painel, que é desenvolvido por (nós) acadêmicos, egressos, professores e funcionários da UNESC. Está localizado no Bloco Administrativo, nas proximidades da Sala Edi Balod, Curso Artes Visuais, UNESC.

essa especificidade, reportando-se ulteriormente, a vivências gerais. Sempre levam nossa imaginação a intuir, além do fenômeno particular, um estado de ser geral e de equilíbrio, ritmos de vida. (Ostrower, 1995, p. 7)

Afinal, o artista usufrui das ferramentas também de acordo com as condições do meio de criação. Percebo que buscar o controle excessivo foge da realidade do resultado de uma produção espontânea, livre e contemporânea.



Imagem 19 – *Espelho(s)*. Cerâmica esmaltada e espelho, 15x15 cm, 2020.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

O *Machado*, registrado nesta fotografia antes da queima (Imagem 20), foi uma das próximas ideias a tomar forma, representando para mim – e na Umbanda – a força do fogo e dos raios, da justiça, da quebra de qualquer negatividade: o Orixá Xangô. Na etimologia, seu nome é de origem iorubá, onde o sufixo “Xa” significa senhor, “angô” é “fogo oculto” e “gô” podendo ser traduzido a “alma” ou “raio”. Sua imagem pode ser associada à de Zeus para os gregos, a Tupã para os Tupi-Guarani e sincretizado⁷ na igreja católica como São Gerônimo – por exemplo. Posteriormente, pude criar relações de identificação e marcar permanentemente os traços da obra na minha pele, com a tatuagem (Imagem 21).

⁷ No Brasil, houve uma prática de sincretismo religioso na qual cada orixá foi relacionado a um santo da Igreja Católica. Disponível em: <https://www.significados.com.br/xango/>. Acesso em: 1 out. 2023.



Imagem 20 – *Machado*. Modelagem em argila, 13x2x12 cm, 2022.

Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Imagem 21 – Fotografia da tatuagem de machados, 11x8 cm, 2022.

Fonte: Arquivo pessoal da artista.

O *Cogulago* foi uma das minhas últimas produções com o material que mais me proporcionou identificação e satisfação com o resultado (Imagem 22). A proposta do trabalho pela matéria de Laboratório de Práticas Artísticas⁸, exigia a intervenção de madeira na construção da obra. Onde pude trazer o vidro para complementar a composição (para representar a água) e transformar o objeto em um incensário - construído com madeira, para segurar madeira.



Imagem 22 – *Cogulago*. Cerâmica esmaltada, 12x12x6 cm, 2022.

Fonte: Arquivo pessoal da artista.

⁸ Ministrada pela Profa. Ma. Odete Angelina Calderan.

Em outras obras intituladas *Azul*, *Arrudas Frias* e *Samambaia* investiguei a linguagem da gravura, na matéria de Serigrafia⁹ (Imagem 23, 24, 25). Onde produzi a monotipia com tinta acrílica e a técnica de *frottage*¹⁰ com giz de cera, impressões manuais de folhas, flores e raízes. Os elementos presentes continuam caminhando juntos às ideias da representação de vida e elementos da natureza. E que hoje, algumas dessas produções decoram os quartos e salas da minha casa - proporcionam uma boa memória afetiva e conexão com o mundo natural.



Imagem 23 – *Azul*. Gravura em Monotipia, 21x29 cm, 2021.

Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Imagem 24 – *Arrudas Frias*. Gravura em *frottage*, 20x20 cm, 2021.

Fonte: Arquivo pessoal da artista.

⁹ Ministrada pela Professora Ma. Angelica Neumaier.

¹⁰ O *frottage* (do francês, significa “esfregar”) é uma técnica de produção artística que consiste em colocar uma folha de papel sobre um material texturizado e utilizar uma ferramenta de pintura (lápiz, giz, tinta) para reproduzir e transpor os detalhes e texturas da superfície do objeto para papel. Técnica concebida por Max Ernest, por volta do ano de 1925. Disponível em: <https://totenart.pt/blog/noticias/tecnica-do-frottage/>. Acesso em: 1 out. 2023.



Imagem 25 – *Samambaia*. Gravura em *frottage*, 21x29 cm, 2021.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

2.1 COLAGEM SEM DESCARTE

Junto à fotografia e cerâmica, minha produção na arte da colagem acontece com maior desenvoltura e naturalidade. Seja ela de forma manual ou digital, é a técnica que mais me atrai pôr em uma só obra, trazer diversos elementos e mensagens diferentes que se complementam, proporcionando novas perspectivas visuais ao espectador. Além dos elementos da natureza, trago nessas composições figuras do meu cotidiano. Imagens e personagens presentes em filmes, desenhos e séries - meios de comunicação digital - são grandes referências presentes nas criações. Dentro desse cenário, desenvolvi minha “tag” - assinatura de artista, onde se faz presente principalmente nas minhas colagens e criações digitais: AM (de AnMarie).

A Colagem - palavra de origem francesa *collage*, colar + agem - é uma técnica de composição que teve seu valor artístico reconhecido a partir do século XX com sua

utilização no movimento do Cubismo. Antes disso, era vista como uma manifestação artística popular desprovida de fundamentação crítica. Há uma variedade de materiais, como madeira, jornais e objetos para o suporte da obra; composta por sobreposições de recortes de materiais impressos, fragmentos de papéis, pedaços de tecidos e outros. A incorporação de materiais diversos abre novas possibilidades para criar produtos artísticos tridimensionais, proporcionando a ideia de “esculturas em quadros”¹¹.

A experiência com a colagem no meio digital (Imagem 26, 27), sem dúvidas foi a técnica de maior aprofundamento nesses últimos anos para minhas produções. Principalmente durante as aulas da graduação nas disciplinas¹² de Composição Gráfica, Imagens Digitais, entre outras complementares. Conheci novas possibilidades de explorar fotografias e recortes no espaço virtual da colagem, de maneira mais rápida e prática, com maior acesso a imagens específicas e variadas (graças à internet), possibilitando também o uso de ferramentas para edição de imagem – proporcionando uma maior ligação com elementos do lúdico e da psicodelia.

Na produção com recortes manuais (Imagem 28), revistas antigas, jornais e papéis que seriam “descartados” e cola branca são os materiais mais utilizados. Busco trabalhar com diversas palavras e composições de frases, a fim de provocar diversas sensações e pensamentos em um só quadro - despertar a curiosidade, análise e prender a atenção do observador.

¹¹ Informações do artigo por Gabriella Porto pelo site Info Escola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/artes/colagem/>. Acesso em: 22 out. 2023.

¹² Ministradas pelo Prof. Alan Cichela.



Imagem 26 – *Matrix e Saturação*. Colagem digital, 2020.
 Fonte: Arquivo pessoal da artista.

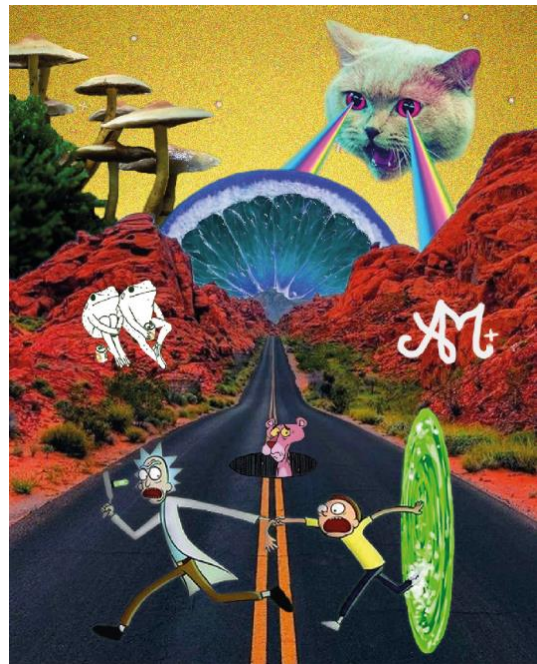


Imagem 27 – *Trippy Run*. Colagem digital, 2020.
 Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Imagem 28 – *Voo Livre*. Colagem manual, 48x42 cm, 2022.

No desdobramento desse processo de reaproveitamento de materiais, busco trazer nas produções a ideia de preservação e valorização da natureza. E que quanto mais a nossa maior fonte de matéria prima se torna escassa, maior é a necessidade de preservá-la.

Relacionando com cenários ambientais da atualidade, é possível usufruir da matéria prima em arte priorizando a preservação destas e ainda provocar a partir do trabalho, novas linhas de pensamento, reflexões, críticas e conscientização do contexto real da natureza como um todo: em meio à uma crise ecológica causada pelas alterações humanas sobre o meio natural – desmatamento, consumo desenfreado, poluição do solo, da água e do ar, por exemplo. É de extrema importância compreender tais impactos em uma sociedade onde o capital é mais valorizado e reconhecido do que a própria fonte de vida e criação humana.

*“Quando a última árvore tiver caído,
quando o último rio tiver secado,
quando o último peixe for pescado,
vocês vão entender que dinheiro não se come.”*

(Provérbio Indígena)

Segundo a pesquisadora Kelly Daiane Savariz Bôlla em sua tese de doutorado¹³ apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais (2019), a partir das relações e interações humanas com o ambiente natural:

(...) Não sendo o ambiente um problema e não estando o ambiente em crise por si só, mas havendo degradação ambiental causada por seres humanos, a questão ambiental, nessa perspectiva, é uma questão humano-ambiental, conceito que traz em si a relação intrínseca entre ser humano e ambiente e revela que é essa relação que se encontra em crise. Essa constatação, porém, não iguala a humanidade quanto aos modos de se relacionar com a natureza, não distribui entre todos os humanos a mesma responsabilidade pelos danos ambientais, porém destaca que essa relação precisa ser transformada, para a continuidade da vida no planeta e para a saúde e qualidade de vida das atuais e futuras gerações. (Bôlla, 2019, p. 42)

É possível refletir sobre esse processo e criar relações com o projeto fotográfico *“Washed Up”*: instalações ambientais produzidas por meio de uma série pelo artista e fotógrafo norte-americano Alejandro Durán (Imagem 29). Deu início em 2010, na costa

¹³ Pesquisa para obtenção do grau de Doutora em Ciências Ambientais intitulada *A natureza precisa das crianças e as crianças precisam da natureza: a integração entre ecopsicologia e educação como um caminho para o bem-estar e a sustentabilidade* (2019), pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

caribenha do México. Sua obra consistia em coletar e distribuir resíduos plásticos que chegavam na costa de Sian Ka'an, que resultou em uma série de fotografias retratando a transformação de detritos internacionais em obras estéticas. Ele cria esculturas baseadas em cores e movimento, que combinam a mão do homem à natureza.



Imagem 29 – *Washed Up*. Série Fotográfica por Alejandro Durán, 2013.
Fonte: <https://alejandroduran.com/washedupphotoseries>

Em meio aos destroços, coletando resíduos, recolocando no espaço e registrando com fotografias, tais composições na natureza revelam a cultura do consumo de forma generalizada no mundo natural. Seu trabalho reflete a atual realidade da situação ambiental no planeta usando uma abordagem estética surreal. O resultado é a mensagem de conscientização sobre a terra, que não está a salvo do impacto de grande alcance do consumismo e, conseqüentemente, da poluição e desmatamento. O artista transforma, a partir desse cenário, uma verdade deplorável em uma obra impactante, crítica e com ideias defensoras à natureza.

*De um quadro grave
faço um quadro de arte*

- BK, *Quadros*¹⁴, 2016.

¹⁴ Música do rap nacional lançada por BK, em 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Lxaf6GZv_7U. Acesso em: 1 out. 2023.

2.2 AZUL A FUNDO

Desde muito cedo, o azul esteve constantemente presente na formação da minha identidade. Elementos do cotidiano que remetiam a esta cor e significados que ela carrega, estiveram em intervenção na minha rotina, pensamento, natureza ao meu redor. De acordo com o livro de Eva Heller em *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão* explica que o azul “é a cor da simpatia, da harmonia, da amizade e da confiança (...) Azul é a cor que os rodeia; por isso, em muitas religiões o azul é a cor dos deuses” (Heller, 2013, p. 47 e 53).

Exemplificando com experiências pessoais, por exemplo, no meu berçário, mesmo a família entendendo que eu quando recém-nascida era menina, de maneira espontânea os presentes eram roupas azuis, brinquedos azuis, objetos azuis. Na infância, a figura da Cinderela (uma personagem princesa de conto de fadas infantil) era constante devido o azul da vestimenta - colecionei bonecas, filmes, vestidos. Eu vivia em praias, lagoas, fazia questão de estar ocupando estes espaços desde muito nova, junto a família. E sempre me atraiu registrar fotografias do céu e elementos em contraste a ele nos caminhos do dia a dia. Até hoje me sinto rodeada dessa força que me acompanha também em meu processo de desenvolvimento mediúnico (Imagem 30).

Quando o ambiente estava em baixo astral ou quando eu me encontrava em momentos de “crises existenciais e hormonais da adolescência”, minha mãe rezava para Nossa Senhora Aparecida - imagem de Maria, mãe de Jesus, de manto azul (Imagem 31). Até que um dia, sem ao menos que eu soubesse, após esse hábito da mãe, apareci com uma pintura em tinta guache de Nossa Senhora Aparecida em uma folha A4 azul, e a presenteei.



Imagem 30 – Fotografia da parte azul de meu altar, 2023.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Imagem 31 – *Maria*. Tinta guache em papel sulfite ofício A4, 2015.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

Além de na mente, alma e coração, finalmente aos 16 anos pude transparecer ainda mais essa conexão à identidade do meu corpo, com meus longos cabelos azuis. Sigo em construção e me apaixonando cada vez mais pelos fundamentos e estética - corpo e arte como identidade.

agito das ondas
quebra de marola
força da correnteza
maré sem sossego
sou dessa imensidão e transparência
e no turbilhão de dilúvio
manifesto-me
transbordo-me
nunca paro.

- *Anmarie*, 2020.

Trago um poema de minha autoria, escrito em 2020. É presente as representações e símbolos da natureza, e mesmo sem ter a pretensão naquele

período, percebo uma proximidade com a escultura Sereia, apresentada anteriormente (p. 25). Ambas dialogam e fazem ligações com o mar, o ato de ser, sagrado feminino - o despertar da consciência de si mesma, da força, do autoconhecimento.

É impossível não me aprofundar nestes símbolos, pois, (no enquanto sendo desenvolvida também) o mês de outubro é dedicado ao culto e homenagem ao orixá Oxum na Umbanda. Esta força, ligada diretamente à água e ao misticismo da sereia, trabalha e age na vida dos praticantes dessa religião de forma a ensinar sobre o amor, fortalecimento emocional. É ligada a riquezas (ouro) e prosperidade espiritual e material da vida, da sensibilidade, do empoderamento feminino. Neste período, foi organizada a homenagem à essa força divina no terreiro onde frequento, na cidade de Içara – SC (Imagem 32).



Imagem 32 - Fotografia das oferendas no altar na festa de Oxum, 2023.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

PRESENÇA



3. PRESENÇA

Com base nas relações possíveis e experiências próprias com produções em arte, entendo que os materiais providos da natureza - madeira, barro, pedra e fósseis - que podem passar por processos que envolvem os quatro elementos da natureza - fogo, terra, água ou ar - oferecem infinitas possibilidades para criação de obras e inspiração para o processo criativo do artista. E, a partir disso, criar ferramentas e desenvolver técnicas para a materialização de uma ideia. A presença da natureza pode ser sutil, mas essencial para a desenvoltura de uma obra em arte. Segundo a autora e artista visual Luisa Magaly Santana Oliveira Reis, em sua pesquisa *O que guarda um corpo-objeto: procedimentos cerâmicos e incorporações anímicas nas artes visuais* (2018), ao parafrasear Manoel de Barros diz que: “Qualquer coisa pode se tornar “matéria de poesia”, e continua:

Um objeto, principalmente aqueles que pertencem ao mundo natural, bruto, pode se transformar em outro, assim como as nuvens “desenham” animais no céu, um aspecto visual lúdico que pode alcançar outros lugares do pensamento e ressignificações simbólicas. O artista da matéria, assim como o poeta, é capaz de perceber o invisível. (Reis, 2018, p. 64)

A experiência de estar em contato direto com a natureza e cotidiano - ou em novos caminhos para vive-lo – podem proporcionar novas perspectivas visuais, jogos de luzes e sombras, diversas texturas, despertar memórias e infinitas possibilidades de ideias e sensações a partir da observação e experiência com uma paisagem ou objeto. Como explica a autora Cecilia Almeida Salles em sua obra *Gesto Inacabado: Processo de criação artística* (1998):

Essas imagens que agem sobre a sensibilidade do artista são provocadas por algum elemento primordial. Uma inscrição no muro, imagens de infância, um grito, conceitos científicos, sonhos, um ritmo, experiências da vida cotidiana: qualquer coisa pode agir como essa gota de luz. O fato que provoca o artista é da maior multiplicidade de naturezas que se possa imaginar. O artista é um receptáculo de emoções. (Salles, 1998, p. 55)

A partir desta análise, busco refletir e apresentar quais algumas formas de manifestação e presença da natureza no processo criativo do artista, de suas obras e nos espaços da arte contemporânea.

3.1 ESPAÇO EXPOSITIVO CONTEMPORÂNEO

Em relação ainda a presença da natureza nos processos, pude refletir e criar relações com o espaço expositivo de artes na atualidade. Enquanto desenvolvendo esta pesquisa de conclusão de curso, nós acadêmicos de artes visuais pudemos estar presentes na abertura da exposição *Terras de minha TERRA* produzida pelo artista e pesquisador Leandro Jung, realizada na Sala Edi Balod – UNESC (Imagem 33, 34). O artista desenvolve quadros com tintas criadas por ele mesmo, extraídas diretamente da terra, em diversas tonalidades. Terra essa cultivada pelos seus ancestrais, nas margens do Rio Palmeiras, hoje em Orleans - SC, onde está localizado seu ateliê e residência dos familiares¹⁵. A relação do artista com a terra e espaço natural para a desenvoltura dos materiais para a criação das obras me cativou imensamente, e ainda mais com a descrição da exposição, onde o artista explica a origem do nome:

A palavra terra é tratada com duplo sentido, um é para as variadas tonalidades de terra recolhidas e o outro faz referência ao meu lugar de origem, onde passei a minha infância, brincando na margem do rio e recolhendo argila para modelar. Trilhei o caminho inverso dos meus antepassados e trago o que eles foram buscar em forma de arte com a exposição *Terras de minha TERRA*. (Jung, 2023)



Imagem 33 - Fotografia Lara & Nesca na exposição, 2023.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Imagem 34 – Fotografia das telas de pigmentos e paletas de cores das obras de *Terras da minha TERRA*.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

¹⁵ Informações do artigo da Galeria Municipal de Artes Richard Calil Bulos, Laguna. Disponível em: <https://laguna.sc.gov.br/fotos-exposicao-terras-de-minha-terra/>. Acesso em: 15 out. 2023.

Outra produção contemporânea com uma forte presença dos elementos da terra e ancestralidade, exposta durante a 35ª Bienal de São Paulo (2023), é a *Floresta de infinitos*¹⁶ (Imagem 35), instalação dos artistas Ayrson Heráclito e Tiganá Santana. De acordo com o artigo do próprio site da organização expositiva, introduzido com “Agô! Pede-se licença para entrar na mata sagrada”, a obra ocupava uma sala de 240 metros quadrados, composta por bambus iluminados (beges) instalados na vertical, um ao lado do outro, de aproximadamente quatro metros de altura. Dentro dessa floresta de bambus, o chão é coberto de serragem marrom em um caminho sinuoso. Ao longo da trilha, há caixas de som, telas de 2,5 metros por 1,4 metros e tecidos pretos e transparentes com imagens projetadas.

Das projeções que refletem imagens múltiplas, produzindo sons e sensações que surgem em uma floresta fria e colorida, saltam rios, pássaros e folhas amassadas sobre as quais caminhamos. Flores, pererecas, insetos e outros biomas extintos convivem com ancestrais originários, com caboclos, com Chico Mendes, com Bruno e Dom, com mãe Stella de Oxóssi. Quando essa floresta chora as dores da violência, do colonialismo e da destruição, é Oyá, agora guardiã de todos esses Eguns, mãe de tudo que já foi vivo, que os/as convida a dançar alegremente e celebrar a vida que se preserva e se renova na natureza. (Brito, 2023)

A instalação traz símbolos e linguagens presentes em religiões de matriz africana, como as entidades da Umbanda, por exemplo. Carrega mensagens sobre as forças e preservação da natureza, “louvando sua energia resguardada entre plantas e árvores, que tornam possível a existência da humanidade”.

Agô, é hora de deixar a floresta. Deixemos a mata voltar a seu silêncio misterioso, com seus encantados, rios e formas de vida infinitas. Com a ausência humana, os bambuzais balançam novamente sinalizando o reestabelecer do equilíbrio. Seres invisíveis fundem-se em uma só potência vital e estão livres novamente no anoitecer das matas de Oxóssi e Mutalambô. A respeito da visita humana, perguntam-se: será que aprenderão que toda vida é sagrada? (Brito, 2023)

¹⁶ Artigo da exposição por Luciana Brito, pelo site da 35ª Bienal de São Paulo – coreografias do impossível. Disponível em: <https://35.bienal.org.br/participante/ayrson-heraclito-e-tigana-santana/>. Acesso em: 22 out. 2023.



Imagem 35 – Vista de obra de Ayrson Heráclito e Tiganá Santana durante a 35ª Bienal de São Paulo.
Fonte: <https://35.bienal.org.br/participante/ayrson-heraclito-e-tigana-santana/>

É possível identificar em ambas das obras, a forte presença da conexão com a terra, elementos da natureza e/ou vida no cotidiano do artista. Se constroem com base na ancestralidade e disseminam, por sua vez, modos de produções com a natureza de forma a preservá-la, conscientizar sobre a vida em torno dela e ensinamentos sobre sua história e cultura, baseados na visão do artista criador.

3.2 FOTOPERFORMANCE

Na abertura de cada capítulo desta pesquisa, está inserida uma fotografia do projeto EMORIÔ¹⁷, produzido e idealizado pela artista Rafaela Barcelos, grande amiga e parceira de trabalhos na graduação. Consiste em uma série de registros fotográficos do meu corpo imerso e representando entidades da Umbanda, dividida em três partes: *Cabocla* na mata (Imagem 2, 3) – ancestral indígena relacionada à saúde e forte ligação à natureza - *Iemanjá* na praia (Imagem 1, 4) – orixá das águas salgadas, “A Rainha do Mar”, representa a energia do amor e da fecundidade - e da guardiã

¹⁷ Vídeo do lançamento do projeto nas redes sociais disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CrGIYHBgzBf/>. Acesso em 22 out. 2023

pombagira *Dama da Noite* (Imagem 5) – associada à energia feminina, liberdade, empoderamento e sedução. As fotos do projeto foram realizadas durante um dia inteiro no parque Morro do Céu¹⁸ na cidade de Criciúma, e à beira mar e ao lado de uma igreja entre uma encruzilhada, no Balneário Rincão. Contamos com a participação das produções de Flores Macramê¹⁹, com acessórios artesanais e adereços que conversam com a proposta e complementam as vestimentas apresentadas no projeto.

Compreendo que a série se insere na linguagem da *fotoperformance*, onde “acontece quando o ato performativo é realizado unicamente para a fotografia e através dela, ou seja, a ação se transforma em obra de arte por meio da imagem fotográfica.” (Lemos, 2019, p. 8). A partir desse movimento, segundo a própria produtora de EMORIÔ, Rafaela Barcelos, explica sobre as linguagens do projeto e a relação com os ambientes explorados na série:

Esse projeto veio para transformar a arte contemporânea. Por mais que seja pela fotografia e que possa ser muito comercial hoje, eu acho que se tornou muito uma performance de disseminação dessas imagens e desses arquétipos aqui na região, porque os locais eram regionais e tudo era regional, no sentido que todo mundo que estava envolvido no projeto era daqui da região, a terra que a gente tá inserida é na região, a gente disseminou na internet onde o público alcançado seria da região. (Barcelos, 2023)

Complementa com uma fala sobre as origens do projeto, experiências na prática e as mensagens envolvidas no processo – interligadas pela natureza e representações da Umbanda:

Tudo foi muito intuitivo e muito “na hora”, mas eu acho que foi casando muito fácil, sabe? Eu sinto que a espiritualidade trabalhou junto nesses processos, e se a gente para e analisa umas coincidências, elas são muito poéticas. (...) Algo muito intuitivo que depois se transformou, dentro da minha linha de pesquisa agora... que é transformar essas coisas em patrimônio. É muito importante ter esses registros e ser disseminado aqui na região, porque não tem patrimônio umbandista aqui na região registrado, sabe? Então eu acho que essas performances que a gente fez nessa série EMORIÔ alimenta isso também. E esse é um projeto que tá em constante movimento: a ideia é

¹⁸ Hoje, um espaço de grande movimento político de ocupação popular, na luta pela preservação das matas originárias da cidade de Criciúma, por meio de saraus e feiras. Mais informações sobre o movimento disponível no site: <https://www.4oito.com.br/noticia/movimento-salve-o-morro-do-ceu-reuniu-cerca-de-400-pessoas-em-mais-uma-acao-48805>. Acesso em 22 out. 2023.

¹⁹ Artesanatos e acessórios em macramê pela artesã Angel Rocha, minha irmã que tanto me orgulha. Acervo disponível em: <https://www.instagram.com/floresmacrame/>. Acesso em: 24 out. 2023.

continuar com outros arquétipos, outras entidades, outros orixás e continuar essa perspectiva assim do médium como “incorporado” dessas fotos. Um médium da terra se transforma nesse médium também das fotos. A ideia é que esses arquétipos se transformam nessa pessoa, nesse modelo que também é médium, que também é uma pessoa que está interligada com as entidades que a gente vai estar fazendo. (...) Essa ideia de estar totalmente vinculado com os teus próprios guias, com essa própria cultura umbandista regional que não é registrada. Por isso a fotografia é muito boa para relacionar com essa questão do registro, um registro sensível de algo que é invisibilizado. (Barcelos, 2023)

3.3 ARTE + VIDA

A teoria de que “a arte imita a vida”, também conhecida como *mimesis* - termo de origem grega que significa a faculdade do homem de reproduzir ou imitar - traz o conceito que explica que a arte representa e se baseia em aspectos da vida real. Propõe que a inspiração do artista acontece por meio da natureza, das experiências humanas e emoções para a desenvoltura de uma obra. Segundo esta teoria defendida por Aristóteles (384-322 a.C), filósofo e polímata da Grécia Antiga, em sua obra *Poética*²⁰ a arte deveria imitar a natureza em sua busca pela perfeição e, uma obra só pode ser considerada arte se ela é produzida pelo homem e imita algo.

Esta teoria tem sido reinterpretada de diversas formas ao longo da história. Há argumentos em que a arte imita a vida de forma realista, literal, com precisão; outros em que a arte imita a vida de maneira simbólica e subjetiva que vai além da mera reprodução da realidade. De qualquer modo, a arte é inspirada pela vida cotidiana, eventos históricos, condições humanas e observações ao mundo natural.

Contudo é importante analisar que a vida também pode ser moldada e influenciada pela arte, assim como a arte imita a vida. Cada obra de arte carrega consigo o poder de provocar emoções e reflexões, transmitir mensagens, propor posicionamentos críticos, movimentar e proporcionar novas perspectivas ao espectador (Fagundes, 2020).²¹ Sendo assim, a teoria de que “a arte imita a vida”

²⁰ 3ª Edição composta e impressa em outubro de 2008, do livro “Poética” (2008, p. 37) de Aristóteles, com prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira, tradução e notas de Ana Maria Valente; para a *Fundação Calouste Gulbenkian*, em Portugal.

²¹ FAGUNDES, Gabriela. *A arte imita a vida ou a vida imita a arte?*. Medium, 13 abr. 2020. Disponível em: <https://gabrielfagundes1.medium.com/a-arte-imita-a-vida-ou-a-vida-imita-a-arte-f9b8a6b45d5c>. Acesso em: 25 set. 2023.

pode ser compreendida como uma relação dinâmica e complexa entre a experiência humana e a criação artística.

Tais ideias estão relacionadas e presentes nas obras da artista e pintora mexicana, Frida Kahlo y Calderón (1907-1954). Registrava sua trajetória, emoções e natureza em suas produções. Em sua juventude, sofreu um grave acidente de trânsito, que a manteve por longos anos com fraturas, sequelas e internamentos hospitalares. Seu pai montou um cavalete para que ela pudesse ocupar o tempo pintando na cama, e suas produções só aumentavam: a pintura havia se tornado a sua maior paixão (Imagem 36).

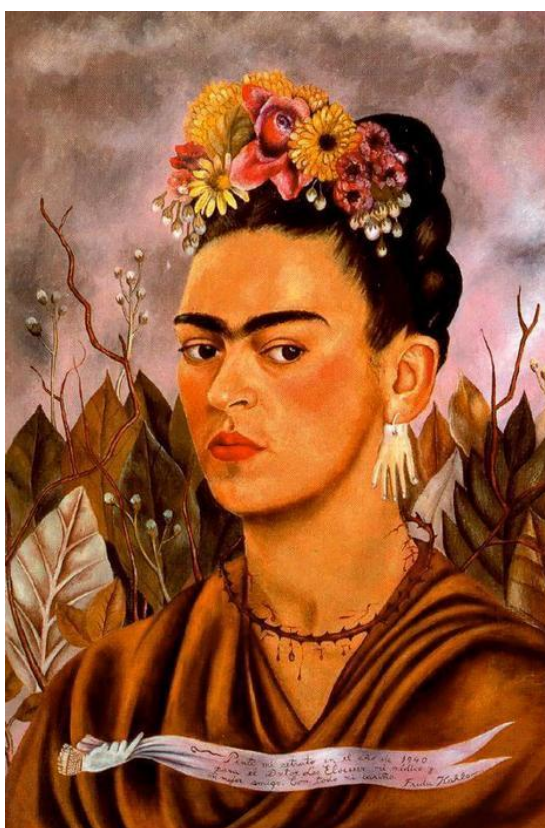


Imagem 36 – *Autorretrato, dedicado ao Dr. Eloesser, 1940 - por Frida Kahlo.*
Fonte: <https://pt.wahooart.com/@/8CEFG3-Frida-Kahlo-autorretrato>

A artista produzia muitos autorretratos representando seu corpo em suas condições e dores, com machucados e colete ortopédico que usou por muitos anos. Além de seu trabalho artístico servir de escapatória à dor e à doença, era uma forma de expressar e contar sua história, processo criativo e sua própria realidade.

Neste contexto, a poeta e escritora contemporânea indiana-canadense Rupi Kaur (1992-atualmente) dialoga diretamente com as abordagens de relatos sensíveis, elementos da natureza e do corpo, o feminino, paixões e dores da vida. Ela expressa na escrita a sua forte relação com ato de escrever e o quanto isso a curou emocionalmente. Trabalha com uma linguagem simples, profunda e sincera, utilizando em seus livros ilustrações autorais. A artista ganhou destaque por meio das redes sociais, e em 2014 publicou seu primeiro livro de poesia e prosa *milk and honey* – no Brasil, *Outros jeitos de usar a boca*. Em 2017, lançou *O que o sol faz com as flores*, outra coletânea de poemas sobre cura, crescimento e ancestralidade, o qual trago a seguir.

essa é a receita da vida
minha mãe disse
me abraçando enquanto eu chorava
pense nas flores que você planta
a cada ano no jardim
elas nos ensinam
que as pessoas
também murçam
caem
criam raiz
crescem
para florescer no final

- Rupi Kaur, “o que o sol faz com as flores”, 2017.

OFFER



4. ETÉREO

Inicialmente, optei pela técnica da colagem para o desenvolvimento da obra final, pois, era muito clara e suficiente para mim. Por mais que tivesse em mente o material da cerâmica e que de algum modo, haveria a intervenção dela na obra. Seja em algum detalhe sortido no meio dos papéis e recortes ou em uma moldura para a colagem. Porém, fui além - graças a conversa com minha orientadora que deu forma e a certeza de “acreditar no meu potencial” - e percebi que o espaço limitado e retangular de uma só tela seria pouco para expressar tantas ideias e imagens. Deste modo, concluímos que montar uma instalação representaria e iria encaixar melhor nas condições da parte escrita da pesquisa.

Encontrei no livro *Arte contemporânea em questão* (2007), a definição de instalação a partir da artista Raquel Stolf, no capítulo de sua autoria *A instalação enquanto situação - Entre acontecimentos, proposições, inserções e outros desdobramentos*, em relação às proposições artísticas:

Implicam inconclusões, porosidades, movimentos e múltiplas situações. E adentrar, percorrer, ser atravessado, estar imerso ou ser capturado/solicitado (algumas vezes, sem saber) por uma proposição artística, seja ela uma inserção, uma microintervenção urbana e/ou doméstica ou uma miniinstalação, inclui nossa própria vida como processo a ser catalisado e reiventado. (Stolf, 2007, p. 84)

A instalação de minha pesquisa pode ser vista como um painel, com elementos tridimensionais interligados entre seus temas e mensagens, fazendo relações entre natureza, vida, umbanda e arte contemporânea. A proposta foi concebida inicialmente a partir da criação de um esboço em meu *sketchbook* (Imagem 37).

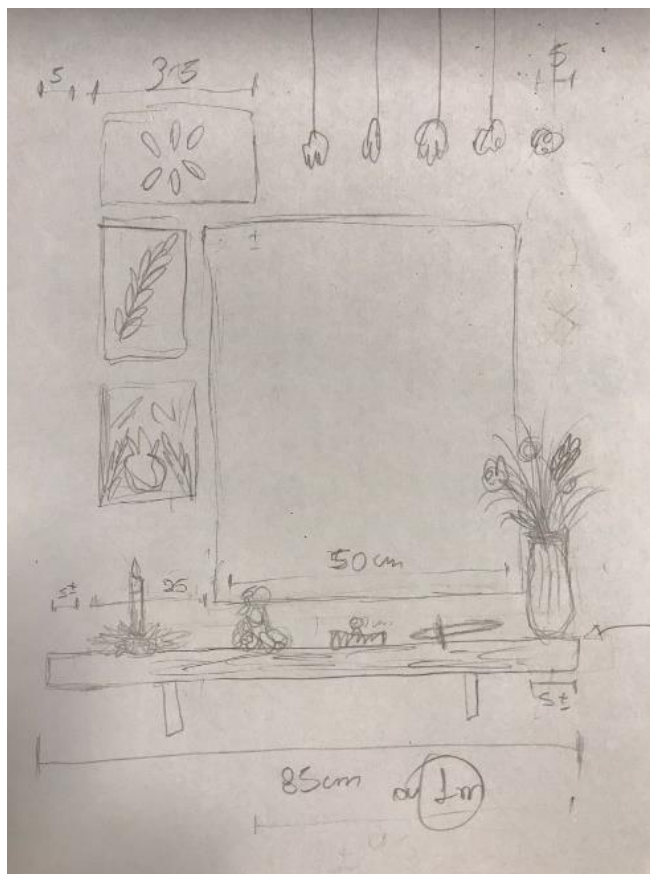


Imagem 37 – Esboço da instalação no *sketchbook*, 2023.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

É composta por uma tela com colagens de papéis e coletas da natureza (2023), no tamanho 50x70 cm e três gravuras (Imagem 23, 24, 25) em quadros (2021), no tamanho 21x30 cm. Abaixo deste conjunto em uma prateleira de madeira, há uma série de cerâmicas, um rosário (Imagem 6) e um vaso de plantas. Para complemento desses objetos, estão dispostos - em torno ou sobre eles - alguns cristais, talhas de madeira, uma vela e um incenso. Em relação às cerâmicas, são expostas duas das apresentadas ao longo da pesquisa (Imagem 18, 22): *Sereia* (2020) e *Cogulago* (2022); e mais duas desenvolvidas ao longo do último semestre da graduação (Imagem 38, 39): *Lótus* (2023), um porta-velas em formato de flor e *Ogunhê* (2003), uma escultura de espada.



Imagem 38 – Lótus. Cerâmica esmaltada,
17x17x2,5 cm, 2023.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Imagem 39 – Ogumê. Cerâmica esmaltada,
32x9x2,5 cm, 2023.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

Já o vaso de plantas será de vidro, contendo flores, plantas e ervas presentes em benzeduras e rituais de limpeza energética na Umbanda: arruda, samambaia, alecrim, guiné, manjerição e espada-de-são-jorge. A ideia de também usar elementos efêmeros na composição da instalação, como as plantas, me fez pensar na interação do tempo e espaço com a obra. O que me despertou a vontade de trabalhar com esse fenômeno de forma mais direta e mais perceptível na obra.

Possuo uma afeição com o símbolo de rosas azuis, consigo estabelecer fortes relações dessa cor com minha identidade, ideais e crenças, como explicado anteriormente. A partir disso, procuro intervir com sete rosas na parte inferior da instalação, penduradas, de cabeça pra baixo. Com o passar do tempo e espaço da exposição, as pétalas irão amadurar e secar, o azul escurecer e o caule enrijecer - acompanhando também o mesmo processo das plantas no vaso da prateleira. De alguma forma, entendo que esta performance da natureza sobre esses elementos reforça ainda mais minhas ideias propostas na instalação como um todo.

Compreendo melhor sobre esse processo a partir da leitura da pesquisa e tese realizada por Luciana Bosco e Silva em *Instalação: espaço e tempo* (2012), onde explica:

A obra se apropria não só de seu espaço interno, ou seja, o espaço onde ela efetivamente acontece, mas também de seu espaço circundante, que eventualmente influencia a obra através das forças que o mesmo emana em direção a ela. O espaço então se torna vivo, já que o mesmo participa

ativamente não só da obra, mas, das possibilidades sensíveis que podem ser experimentadas através da fruição dela. (Silva, 2012, p. 40)

Em processo de finalização da tela maior de colagens, coloquei esta junta com os três quadros de gravura para entender as dimensões e espaços ocupados por elas (Imagem 40). Ao todo, a largura da instalação é de um metro, com um metro de altura e trinta e cinco centímetros de profundidade devido a prateleira.



Imagem 40 – Conjunto das três telas da instalação *Etéreo*, 2023.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

Como uma cartógrafa do meu próprio percurso criativo, em relação ao título obra, optei pela escolha do nome *Etéreo*. Segundo o dicionário *Oxford Languages*²² diz que: “1. Concernente a, da natureza de ou próprio do éter; 2. Figurado: que eleva espiritualmente, sublime, elevado.” Significado que carrega, de forma geral, os elementos desta pesquisa.

²² Dicionário de português da Google é proporcionado pela Oxford Languages. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 1 nov. 2023.

A obra final (Imagem 41) será apresentada na exposição coletiva dos formandos 2023, referente ao Trabalho de Conclusão de Curso, na Sala Edi Balod, Espaço de Exposições e Laboratório de Artes Visuais, localizada no Bloco Administrativo - UNESC. Exposição essa intitulada *NUANCES*²³, com a abertura a ser realizada no dia 20 de novembro de 2023.



Imagem 41 – *Étéreo*. Instalação, 2023.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

²³ Exposição Nuances. Disponível em: <https://portalfolharegional.com/2023/11/23/nuances-exposicao-reune-pesquisa-dos-academicos-concluintes-do-curso-de-artes-visuais/>. Acesso em: 03 dez. 2023.



Imagem 42 – Objetos de *Etéreo*.
Instalação, 2023.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Imagem 43 – Objetos de *Etéreo*.
Instalação, 2023.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Imagem 44 – Objetos de *Etéreo*. Instalação, 2023.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

5. SUCESSÃO

A partir do desenvolvimento da pesquisa foi possível compreender melhor sobre alguns processos de criação e os diferentes procedimentos técnicos de produção. Seja pela fotografia, colagem, cerâmica, poesia, instalação, música, design gráfico ou gravura. Ao agrupar as minhas produções, percebo que as linguagens estão conectadas à presença dos elementos da natureza, da vida e da minha religião Umbanda; que, por sua vez, fundamenta minhas ideias e estudo, ampliado pela cartografia. Complemento com mais um diálogo do livro *Pistas do método da cartografia* (2009) que explica:

(...) o caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem sem se separar. Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes. O objeto-processo requer uma pesquisa igualmente processual e a processualidade está presente em todos os momentos – na coleta, na análise, na discussão dos dados e também, como veremos, na escrita dos textos. (Barros; Kastrup, 2009, p. 59)

Com base nas relações estabelecidas com autores contemporâneos, foi possível perceber a relação entre natureza e arte como uma ferramenta de manifestação da vida e experiências próprias do artista, que em vista disso, dissemina cultura, informação, crítica e reflexões ligadas à emoção e razão do ser humano.

A produção da obra *Etéreo* me fez percorrer por esses caminhos e criar reflexões sobre as infinitas possibilidades que os elementos da natureza nos oferecem para a materialização de ideias. A partir da disposição de imagens e objetos diversos na instalação, busquei provocar no espectador a curiosidade e o convite a aproximação aos mínimos detalhes; pelo jogo de imagens e palavras, contrastes de cores e elementos como flores, folhagens, vela, conchas, penas, cristais, dentre outros. E de certo modo, provocando conexões sensíveis ao público presente durante a exposição.

Acredito que pude alcançar o objetivo inicial da pesquisa, diante da compreensão das análises práticas e teóricas, interligando natureza, vida e espiritualidade; visto que, o processo, expandiu-se a um campo muito maior do que aquele que costumava me relacionar anteriormente.

Ao trilhar os caminhos construídos ao longo da pesquisa, voltada igualmente as questões que interessam quanto a preservação, sustentabilidade e valorização da natureza, também, como meio cultural, artístico e social; percebo que a pesquisa não se esgota, e sim, possibilita outras bases para novos processos em arte.

Assim, pude compreender a natureza como fonte de elementos que está constantemente em transformação, de forma que possa ser compreendida no âmbito artístico, como um ambiente de matéria fluída, por vezes efêmero, em constante movimento de vida e um caminho de iluminação à fonte de ideias para a criação em arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIDAR, Laura. **Rupi Kaur: 12 poemas comentados da escritora indiana**. Cultura Genial [s.d.]. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/rupi-kaur-poemas-comentados>. Acesso em: 30 out. 2023.

ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5737102/mod_resource/content/1/Arist%C3%B3teles_%20%20Po%C3%A9tica%20%282008%2C%20Funda%C3%A7%C3%A3o%20Calouste%20Gulbenkian%29.pdf.

BÔLLA, Kelly Daiane Savariz. **A natureza precisa das crianças e as crianças precisam da natureza: a integração entre ecopsicologia e educação como um caminho para o bem-estar e a sustentabilidade**. 422 p. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2019. Disponível em:
<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/7254/1/Tese%20Kelly%20D.%20S.%20B%b4lla.pdf>.

BRITO, Luciana. **Ayrson Heráclito e Tiganá Santana**. 35ª Bienal de São Paulo – coreografias do impossível, 2023. Disponível em:
<https://35.bienal.org.br/participante/ayrson-heraclito-e-tigana-santana/>. Acesso em: 22 out. 2023.

CUMINO, Alexandre. **Umbanda não é macumba: umbanda é religião e tem fundamento**. São Paulo: Madras, 2015.

FAGUNDES, Gabriela. **A arte imita a vida ou a vida imita a arte?**. Medium, 2020. Disponível em: <https://gabrielafagundes1.medium.com/a-arte-imita-a-vida-ou-a-vida-imita-a-arte-f9b8a6b45d5c>. Acesso em: 25 set. 2023.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

KAUR, Rupi. **O que o sol faz com as flores**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LEMOS, Carlos de Almeida. **A imitação em Aristóteles**. Anais de Filosofia Clássica, 2009. Disponível em:
<https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/view/16970>. Acesso em: 25 out. 2023.

LEMOS, Jessica. **Corpo, imagem e performatividade na fotografia: Um estudo sobre a linguagem da fotoperformance**. 106 p. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Universidade Federal de São João del-Rei, 2019. Disponível em:
<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgac/PDF%20Dissertacao.pdf>.

LAMAS, Nadja de Carvalho. **Arte contemporânea em questão**. Joinville–SC: Univille, 2007.

MARCELLO, Carolina. **Frida Kahlo**. Cultura Genial, 2017. Disponível em:
<https://www.culturagenial.com/frida-kahlo/>. Acesso em: 2 out. 2023.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística**. Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, 1995.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6828599/mod_resource/content/3/Pistas%20do%20metodo%20da%20cartografia%201_Livro.pdf.

PORTO, Gabriella. **Colagem**. InfoEscola [s.d.]. Disponível em:
<https://www.infoescola.com/artes/colagem/>. Acesso em: 22 out. 2023.

QUEIROZ, Álvaro. **Sobre o conceito de catarse na poética de Aristóteles**. Revista Entrelinhas, 2013. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/entrelinhas/article/view/214>. Acesso em: 15 set. 2023.

REIS, Luisa Magaly Santana Oliveira. **O que guarda um corpo-objeto: procedimentos cerâmicos e incorporações anímicas nas artes visuais**. Salvador, 2018.

REIS, Luisa Magaly Santana Oliveira. **Os objetos cerâmicos utilizados nos rituais de Umbanda**. Juazeiro, 2013.

SANTOS, Isabel Cristina Pereira Lima dos. **Os objetos cerâmicos utilizados nos rituais de Umbanda**. [Entrevista concedida a] Luisa Magaly Santana Oliveira Reis. Juazeiro, 2013.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP. Annablume, 1998.

SILVA, Luciano Bosco. **Instalação: espaço e tempo**. 240 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/JSSS-8R8LVY/1/tese_pdf.pdf.

ALEJANDRO Durán / Washed Up. **Granary Arts**, 2017. Disponível em: <https://www.granaryarts.org/alejandro-durn-washed-up>. Acesso em: 26 out. 2023.

ALEJANDRO Durán. **Creative Capital** [s.d.]. Disponível em: <https://creative-capital.org/artists/alejandro-duran/>. Acesso em: 2 out. 2023.

FOTOS: exposição 'Terras de Minha Terra'. **Prefeitura de Laguna**, 2023. Disponível em: <https://laguna.sc.gov.br/fotos-exposicao-terras-de-minha-terra/>. Acesso em: 15 out. 2013.

FRIDA Kahlo. **Mundo educação** [s.d.]. Disponível em:

<https://mundoeducacao.uol.com.br/biografias/frida-kahlo.htm>. Acesso em: 27 out. 2023.

LUISA Magaly Santana Oliveira Reis. **Escavador**, 2023. Disponível em:

<https://www.escavador.com/sobre/5689076/luisa-magaly-santana-oliveira-reis>. Acesso em: 15 out. 2023.

ORIXÁS. **Significados** [s.d.]. Disponível em: <https://www.significados.com.br/orixas/>

Acesso em: 1 out. 2023.

XANGÔ. **Significados** [s.d.]. Disponível em: <https://www.significados.com.br/xango/>.

Acesso em: 1 out. 2023.